

Valdevez (em Santa-Vaya, Santa-Marinha, etc.) uma imagem de S. Cipriano é banhada na fonte do Castro de Reboreda (Santa-Vaya) ⁽¹⁾, no Rio Vez ou no Rio Frio, seu afluente. Em Vila-Real, molha-se a imagem de S. Miguel ⁽²⁾. Em S. Pedro-do-Sul, diz a tradição que o nome da vila provém de os habitantes de uma povoação, chamada Sul, terem lançado ao rio uma imagem de S. Pedro, que era seu orago; êste atentado contra o padroeiro motivou-o longa estiagem para cujo termo elles pediram ao Santo auxilio, que não chegou; a imagem, lançada ao rio, foi dar ao Vouga; encontraram-a na confluência daquele com êste rio, e aí foi S. Pedro do Sul.

2.ª PARTE

O Pão Nosso

- Moro na rua do Forno,
- Com sentido no pão mole;
- Mas eu torno a dizer:
- Quem o não tem, não o come.

(Atalaia, *Rev. Lusit.*, XI, 113).

I

São João Baptista guarda as nossas searas

São as cavas, as *rouças* de Alcanena, com as *arrédas* da terra extraída, que principiam o ano do pão. Tudo se faz a tempo, e depois — «melhor é quem Deus ajuda que quem muito madruga», — porque também «não é por muito ma-

⁽¹⁾ O Santo é levado em procissão ao castro; colocam-no sôbre uma pia cavada na rocha, e de cara para o sol, se querem chuva; se é precisa chuva, levam o santo até uma fonte no fundo do castro, e o padre banha a imagem com água da fonte. Félix Alves Pereira, «Colheitas Etnog. no Alto Minho», *Lusa*, I, 25, § 20 e em *O Archeol. Port.*, XXVI (1923-1924), 259.

⁽²⁾ António Gomes Pereira, «Linguagem e Tradições pop. de Vila-Real», na *Rev. Lusit.*, XII, 318, n.º 3.

drugar que amanhece mais cedo». E emfim — «Deixai fazer a Deus, que é Santo Velho».

Preparam-se os homens para invocarem os santos, protectores da agricultura, no espirito que já a *Crónica do Condestável* indicava: — «quando o não dão os campos, — não o dão os santos» (p. 59). É S. Frutuoso o advogado de animais e frutos no curioso homónimo de NOMEN NUMEN, como Santo Ovidio protege os ouvidos à gente. Em Valdevez, na freguesia da Senhora do Vale, esta Senhora é advogada contra as largatas do milho, — «a bicha», — e, por isso, lhe oferecem milho (¹). A Senhora da Lapinha, de Guimarães, e a Senhora das Candeias, de Vizela, depois de levadas processionalmente pelos campos, protegem os milhais (²).

Em Ponte-de-Lima clama-se: — «S. João Baptista nos guarde as nossas searas». De Santo Antão canta-se na Covilhã, — a quadra «quadrada» (³):

— Santo Antão imaculado,	Santo assim tão festejado,
Patrono dos lavradores,	Não no há nos arredores (⁴).

Procuram-se amuletos protectores. Uns pagãos: como o chifre encabado num pao, espetado no chão; como a «pedra de raio» (⁵) na tranqueira da porta ou no côncavo de uma

(¹) Félix Alves Pereira, «Colheitas Etnográficas no Alto Minho», *Lusa*, I, 35, § 25.

(²) Oliveira Guimarães, Abade de Tagilde, *Guimarães e Santa Maria*, 1904, p. 116; Augusto José Vieira, *Minho Pittoresco*, Lisboa 1886, I, 641.

(³) Quadra ou cantiga «quadrada» é a que cruza a rima: Leite de Vasconcellos, «Cantigas «quadradas», nótula etnográfica», sep. do *Correio Elvense*, de 29 de Abril de 1916.

(⁴) Fernandes Tomás, *Velhas Canções...*, p. 92.

(⁵) Em Inglaterra (de Lincoln a Cornwall e provavelmente de Berwick à Ilha de Wight) tem virtude na agricultura, contra o mau olhado, pedras com furo natural. Preservam de bruxarias, e usam-se em especial para proteger colheitas em jardins e outros logares, e o gado doméstico. Suponho que é quanto se dá entre nós com os «coriscos» ou «pedras de raio». F. T. Esworthy, «On perforated Stone Amulets», *Man*, III, 1903, p. 17; figs. na Estampa B (3, 4, 6, 10).

árvore. Outros cristãos: como as cruzes de cana com alecrim ou alfazema bentos, ou só de estas plantas, que no Domingo-de-Ramos se benzem nas igrejas, e, colocadas nas sementeiras, as livram do mau olhado ⁽¹⁾ e das trovoadas.

*

Tem a cultura do pão o seu calendário em anexins.

Janeiro. — *Da flor de Janeiro, ninguém enche o celeiro.*

— *Janeiro molhado, se não é bom para o pão, não é mau para o gado.*

Fevereiro. — *Quando não chove em Fevereiro, não há bom prado, nem bom centeio.*

Abril. — *Abril frio, traz pão e vinho.*

— *Abril frio e molhado, enche o celeiro e farta o gado.*

— *Do pão te sei contar que em Abril não há de estar nascido, nem por semear.*

Abril-Maio. — *Em Abril e Maio, merenda para todo o ano.*

— *Guarda pão para Maio, lenha para Abril.*

— *Quem me vir e ouvir, guarda pão para Maio, lenha para Abril.*

Maio. — *Chuvinha da Ascensão, das palhinhas dá pão.*

— *Quanto Maio acha nado, tudo deixa espigado.*

— *Quem em Maio relva, não tem pão nem erra.*

— *Maio hortelão, muita parra, pouco pão.*

— *Pão tremês não o comas, nem o dês, mas guarda-o para Maio.*

— *Maio come o trigo, Agôsto bebe o vinho.*

— *Maio pardo, faz o pão grado.*

Junho. — *Em Junho, foice em punho.*

— *Feno alto ou baixo, em Junho é segado.*

— *Em dia de S. Barnabé (a 11), sega-se a palha pelo pé.*

— *Chuva de S. João (25), terá vinho e azeite, mas não dá pão.*

Julho. — *A geira de Maio vale os bois e o carro; a de Julho os bois e o jugo.*

Agôsto. — *Quem não debulha em Agôsto, debulha com mau rosto.*

(1) Tomás Pires, «Superstições, crenças, usos e costumes alentejanos», *Rev. Lusitana*, XI, 263.

— *A quem não tem pão semeado, de Agôsto se faz Maio.*

— *Terra lavrada em Agôsto, à esterçada dá de rosto.*

Setembro. — *Pelo S. Mateos (21), pega nos bois e lavra com Deos.*

Outubro. — *Por S. Francisco (10), semeia teu trigo, e a velha, que o dizia, semeado o tinha.*

— *Por Santa Ireia (Iria, — 20), pega nos bois, e semeia.*

Novembro. — *Por Todos os Santos, semeia trigo, colhe cardos.*

— *De Todos os Santos ao Natal, perde a padeira o cabedal.*

— *Por S. Clemente (23), alça a mão da semente.*

Dezembro. — *Natal em sexta-feira, por onde poderes, semeia; em Domingo, vende os bois e compra trigo.*

II

Há ainda em muitos logares o costume antigo de os lavradores ajustarem os criados e trabalhadores, no S. Miguel (29 de Setembro), como por exemplo em Bragança, onde há uma feira nesse dia, em Sousel (Alentejo), etc.

Diz-se no Alentejo (conc. de Estremoz, v. gr.):

— Quem se ajusta pelo S. Miguel, — não se senta, cada vez que quer.

Breve começam as tarefas nas herdades, quintas, «montes», cujos destinos ao pão se contam no Alentejo por: *searas*, limitadas ou não por *extremas* ou *lindas*, divididas em *fôlhas* de três até seis *parcelas*, e subdivididas em *tornas*, consoante os accidentes do terreno; *eira* ou *eiras*; *calcadouros*, onde o trigo é calcado; *tulhas* para o grão; *almeáras* ou *almeadas* (Alentejo), *mêdas* (Centro e Norte) com a palha acamada.

A superfície é medida pela *geira*, que corresponde ao que uma junta de bois lavra num dia (Alcanena). Nas margens do Tejo usa-se o *astém*, medida de cem passos de comprimento (').

(') Magalhães Peixoto, *Tratado Prático de Contabilidade*, p. 124; Oscar de Pratt, «Notas à margem do Novo Dic.», *Rev. Lusitana*, XVIII, 69.

III

As rotações de cultura com sementeira (*semeada*, no Alentejo) ou pousio (*alqueive*) eram o regimen comum da lavoura grega. Os Romanos procuraram evitar o desperdício de estarem os campos em pousio durante um ano, quinze ou dezasseis meses. Para resolver essa diminuição de proventos, alternaram a cultura de cereais com a de outras plantas menos fatigantes. A terra, que repousava pela mudança de produção, chamava-se *restibilis* ⁽¹⁾. O uso do *alqueive* mantém-se na nossa agricultura.

*

Chega a lavra das terras. Em Roma, Ceres presidia às ceifas e às lavras. Havia festas em sua honra ⁽²⁾. Entre os negros de África (Angola, por exemplo) há festas pelas sementeiras e pelas colheitas, com batuques e banquetes (os Muhumbes e Candimbas, e os Evaes que dão à festa o nome de *chipepa*) ⁽³⁾.

No precioso cadeirado da Sé de Évora há belas esculturas do século XVI. Entre os quadros, que os frisos do cadeirado têm, — e êles, ali no centro do Alentejo, dão de preferência a nota etnográfica dos trabalhos campestres, — vê-se um que representa um homem com a charrua a lavrar a terra. A junta de bois, que atrela nas lavradas, é no Minho a *sola* ⁽⁴⁾.

As operações da *semeada* alentejana são: — percorre-se a terra com o *arrojão* da *charrueca*, que desfaz os torrões; depois o *arado* de um *ferro*, o «ferro da sementeira», faz as *belgas*, onde a semente irá cair. Em Paredes-de-Coura, há uma charrua, chamada *arravessa*, que num percurso *seita* (abate),

(1) Varus, *De re rustica*, I, 44.

(2) As festas de Ceres em Eleusis (*Eleusinas*) duravam cinco dias, durante os quais só as mulheres eram recebidas no recinto sagrado. As *Thermophonias* comemoravam as sábios e benéficas leis de Ceres.

(3) João de Almeida, *Sul d'Angola*, Lisboa 1912, p. 344, 371 e 372.

(4) N. Alves da Cunha, *Paredes de Coura*, 319.

noutro lavra ⁽¹⁾. Os jornaleiros cortam o campo em listas, que a sombra das leivas faz negras. Espalham-se nos alqueives a arrotear. O alqueive ou «alquêve», depois da «folga» de dois anos, leva dois *ferros*, duas passagens, uma de charueca e outra de arado; o primeiro no fim das sementeiras, o segundo para Abril ou Maio. *Fôlha do alquêve* é o prazo do alqueive; «fazer a fôlha» é preparar certo terreno em alqueive; no primeiro ano tem *sementeira de alqueive*, no segundo *sementeira de relva* ⁽²⁾, no terceiro pastagem por dois ou três anos seguidos, conforme a necessidade do pasto (Alentejo). De longe, lá do «monte», para *enregar* ou *desenregar* (começar ou levantar o trabalho), chamam-se os jornaleiros, — ganhões e malteses. — com cornetas, que vieram substituir as velhas conchas de concha, búzios marinhos, as buzinas das serras, que ora chamavam ao trabalho ora incitavam as populações a rebate ⁽³⁾.

Na época das *vessadas* andam no Minho as mōças à soga das vacas, a gradar a terra. Nas grandes vessadas antigas, com o arado enorme de pau, associavam-se dois lavradores, para assim reunirem os bois necessários, que em juntas, umas adiante das outras, se chamavam a partir do arado: *pé*, *brilho*, *picadouro*, e *guia* a da frente. Havia festas gradadas, e o lavrador dava um grande jantar ⁽⁴⁾.

Os adubos da terra, além dos estrumes das estrebarias, currais, cortes, bardos, são a *molina* e a rama de giestas, para adubo vegetal; é a tapeteira do mato a curtir ao sol nas ruas aldeãs; é o *terriço*, de fôlhas, ervas, plantas tenras, apodreci-

⁽¹⁾ N. Alves da Cunha, *op. cit.*, 216.

⁽²⁾ Cantiga alusiva, da Atalaia:

Adeus, Terreiro do Quarto, Agora estás *de relva*,
Tu já não és tão batido; Para o estares *de trigo*.

Monteiro do Amaral, in *Rev. Lusit.*, VI, 96.

⁽³⁾ Era a buzina, que chamava a rebate, com o P.^o Casimiro José Vieira, o Minho inteiro. Camilo Castelo Branco, *Maria da Fonte*, 2.^a ed., Pôrto 1901, p. 69.

⁽⁴⁾ Pires de Lima, «Tradições pop. de Santo Tirso», *Rev. Lusit.*, XVIII, 188.

das por completo, misturadas ou não com estrume de curral, desfeito, onde predomina a cama de mato ⁽¹⁾; é o *moliço* à beira-mar, que os moliceiros e sargaceiros vão arrancar ao Oceano.

*

O centeio no Minho é forte, se fôr semeado por uma donzela de nome Maria ⁽²⁾. — Abunda em farta, se fôr bafejada a semente pelo hálito santo de um boi, pois lhe dá virtude ⁽³⁾. — As melhores sementes são as roubadas ⁽⁴⁾.

Para espalhar os pássaros nas sementeiras, ajustavam-se, ainda não há muito em algumas localidades do Alentejo, rapazes a 40 e 60 rs. por dia. Gritavam, apedrejavam os pássaros, e cantavam:

Passarinhos,
Ao monte, ao monte,

Que este campo tem fel,
E o do vizinho tem mel.

Em alguns sítios, dependuram nas árvores as aves daninhas à agricultura, para afugentar a passarada (S. Martinho-de-Bougado). Usam-se espantalhos de palha, paos, papéis, cabaças, e diversos engenhos de latas e cabaças, para fazer ruído. Em Santo-Tirso, corta-se um ramo de pinheiro com duas ordens de galhos, e entre eles põem-se dois paos (*rebolos*); esta armação constitue um aviso aos donos das galinhas, que invadem as sementeiras; os donos das terras matam as galinhas com os «rebolos», e dependuram-as nos ramos do

⁽¹⁾ *Almanaque das Aldeias*, 1914, 84.

⁽²⁾ É um dos casos da superstição dos nomes: como João e Maria se chamam as crianças, que devem de passar pela fenda do carvalho cerquinho a criança quebrada; um Bento não pode por nascimento ser lobishomem; Santa Bárbara, S. Jerónimo, S. Brás, etc.

⁽³⁾ Evocação da scena bíblica do Presépio de Belém.

⁽⁴⁾ *Superstições do roubo*: as cabras medram com erva roubada; — gato roubado é bom rateiro; — para sementes, plantas e estacas pegarem bem e florescerem melhor, hão de ser roubadas; — o roubo com utilidade medicinal é muito vulgar: por exemplo a lenha, roubada e oferecida a certa imagem de S. Pedro, livra de sezões, etc.

espantalho, que, por causa dos galhos, se chama *galheiro*, ou, pela posição das galinhas nêlo dependuradas, *forca* ⁽¹⁾.

*

Depois vêm as *mondas*, É «mundar o trigo creçudo», como diz Gil Vicente no *Juiz da Beira* ⁽²⁾. Na monda, ou limpeza das searas, trabalho executado por mulheres, as raparigas procuram saber de oráculo natural se o seu rapaz lhes quer bem; cortam uma espiga de centeio e conservam-na algum tempo na bôca; se abre, dizem que «floresce», e ela mais o rapaz serão felizes; se não «floresce», são desgraçados (Alentejo). É talvez daí que por aí se canta:

Cortei o bico à rôla, Quem tem seu amor bonito,
E mais a espiga ao centeio; Ri-se de quem no tem feio.

(Norte).

No dia da *Ascensão do Senhor* é a *Quinta-feira da espiga*, dia festivo no campo e de previsões de fartura. É Maio de searas ondeantes e de espigas cheias. A Igreja encontrou o costume pagão; e, na crença da proveniência divina de todas as origens e de todos os fenomenos, santificou, cristianizou a prática dos pagãos. — *Ascendit Deus in jubilatione*, diz o Hino da Igreja.

Em tórno da divindade, que representa e rege a terra, as cerimónias populares tem sido de sempre; no *Tocitzin* dos Mexicanos, nas festas de *Demeter* dos Gregos, e de *Ceres* em Roma, ofereciam-se orações e primícias à produtora dos frutos e do trigo; na antiga Roma cria-se que uma colheita só era abundante, quando o agricultor invocasse Ceres, e com o espírito nela rasgassa e lavrasse a terra, mondasse, ceifasse, encelasse o trigo ⁽³⁾. No Cristianismo a festa das searas é um dia santo de invocação de Jesus; no Pôrto, faz-se uma romaria à Senhora da Boa-Hora, á qual, num paralelismo de fecundidade maternal evocada (Boa-Hora — Bom-Sucesso — Bom-Parto), concorrem as mulheres grávidas ⁽⁴⁾.

⁽¹⁾ Pires de Lima, *op. cit.*, *Rev. Lusitana*, XVIII, 188.

⁽²⁾ Gil Vicente, *Obras*, t. III, 1852, p. 164-165.

⁽³⁾ Edw. Rood, *O homem primitivo*, v, 7.

⁽⁴⁾ Sucede o mesmo com S. Gonçalo em Amarante, e com a Senhora-do-Alívio, em Braga (Setembro), cujas romarias e

Crê-se que no dia da Ascensão:—os passarinhos não vão ao ninho;—o queijo, feito nesse dia, é medicamento contra as sezões;—o vento, que soprar à uma hora da tarde, soprará todo o Verão.

Todos procuram ir ao campo, onde colhem três espigas, que nuns sítios devem de ser colhidas antes do sol, noutros à hora do meio-dia. Essas espigas, levadas para casa, affiançam ou prometem fartura de pão, como a prometem às pessoas a quem se dão.

*

Vêm as ceifas, a *acêfa* no Alentejo, aonde, nesta província do pão, as mulheres vão de saias apertadas em calções, com punhos de pano a proteger os pulsos, dedeiras de cana ou couro a resguardar os dedos. O cadeirado da Sé de Évora, já referido, representa em um dos relevos uma scena da ceifa: um homem de casaquinho, calção, faca de mato à cinta, chapéo grande (o *aguadeiro*) e gadanha; à esquerda, uma mulher sentada; à direita outra, com uma touca de bebé na cabeça (séc. XVI).

Os Romanos como os Gregos ceifavam o trigo a meia altura, cortando-se mesmo as espigas tão alto quanto fôsse possível, para preparar a palha e evitar que se quebrasse e esmagasse na eira. Isso se vê na columna de Trajano e outras obras da arte imperial. As espigas iam em cestos para a eira, e só no fim se ceifava e enfeixava a palha, que se conservava em montão ou palheiro ⁽¹⁾.

Hoje ceifa-se o pão pelo pé. De foice ou seitoira em punho, os ceifeiros vão prosseguindo sob o sol violento a sua tarefa, à vista do *menageiro*. A comida predilecta no Sul é o *caspacho* ou *gaspacho*, sopa de pão, azeite, vinagre, ágoa, sal e alhos grandes; comida a frio e pela sua qualidade, é refrigerante, motivo das preferências. O seu uso

cujas imagens são muito freqüentadas pelas mulheres grávidas,—o Santo por ser protector genésico dos casamentos,—a Virgem, por evocação do nome, protectora da «hora feliz» das parturientes. A-par das invocações citadas, a mais característica e antiga talvez, é a da Senhora do Ó, de imagem prenhe.

(1) Plínio, *Natural. Hist.*, XVIII, 72, 3.

vai pela Estremadura-Espanhola; refere-se a ela Merimée na *Carmen* ⁽¹⁾.

O calor, as proximidades de arrosais e pântanos, provoca e ateia doenças de ocasião como as febres, para as quais se invoca S. Sebastião, e as *maleitas e sezões*, contra as quais vale o queijo fabricado no *dia da espiga*. Em Santa-Vitória-do-Ameixial (Estremoz), quem tiver sezões, faz um cigarro, misturando-lhe no tabaco algumas aparas das unhas; e, ao passar por uma encruzilhada, deita-o fora para trás das costas; fica sem as sezões, que transmite a quem apanhe o cigarro ⁽²⁾.

Reina animação. É uma festa de alegria. Andam os faunos à solta naquele paganismo de umas semanas rijas. Ama-se. Canta-se. É a festa mais cantadeira. Canta-se a toda a hora. Canta-se ao desafio. Ouvem-se grupos orfeónicos de segundas e terceiras vozes, admiráveis, no Alto-Alentejo e na região de Beja e Serpa, finos e de cristal nos campos de Braga, e coros unísonos pelo resto. Há abrigos especiais para resguardo na hora da calma e descanso. São barracas de palha no Ribatejo, são os *sambulachos* de ramagens sôbre quatro prumos, em latada fresca, no Alentejo.

Ceifa-se ou sega-se. São as *ceifas* do Sul, e as *segadas* do Norte. Acumulam-se os molhos de pão que formam as *paveias*. Três molhos formam em Alcanena um *rolheiro*; depois do molho feito, tiram-se as espigas mais salientes, *cres-tam-se as paveias*.

Da seara vai o trigo para a eira, onde forma *cabúla*, aglomerando-se *encabulado* (Alcanena). Principiam as malhas, de pó alto.

Dizes-me que estou trigueira, Hás de me ver ao Domingo,
Mas é com o pó da eira; Como a rosa na roseira.

(Geral no país).

Das estúrdias ou festas das *malhadas*, conta Camilo em *O Esqueleto* uma rixa, na qual os malhadores, ao encontra-

⁽¹⁾ P. Merimée, *Carmen*, trad. portug. de Mariano Level, Lisboa, cap. I, p. 13 (ed. de António Maria Pereira).

⁽²⁾ Luís Chaves, «Folklore de Santa Vitória do Ameixial», *Rev. Lusitana*, XIX, 330 (3 (g)).

rem-se os dois grupos, que se degladiavam, largaram as rabeças, violas, clarinetes e bombos de parte a parte, e agrediram-se com os *manguais*, «cuja pancada é mortal» ⁽¹⁾. Em Santo-Tirso, findas as malhas, há distribuição de vinho; os malhadores dão vivas aos donos da casa, com acompanhamento de gritos: ih! ih! ih!... uh! uh! uh!... prolongados ⁽²⁾. O fim da ceifa tem por toda a parte descantes em honra dos lavradores, bailes, e fartura de vinho ⁽³⁾; — são as *adiafas*.

Formam-se as medas de palha, *almearas* ou *almeadas* alentejanas, com a forma esquemática das cabanas, — longas, no Sul, por vezes muito juntas como a compor uma povoação de palha, — ou com a forma cónica, no Norte, mais semelhante à *meta foeni* dos Romanos, que terminava em ponta ⁽⁴⁾, como entre nós também. No Minho-e-Douro fazem-se medas de folhelho de milho, acamado à volta de um pao, terminando então em carapuço, ou disposto sobre uma armação de ripas, dispostas como barraca. Neste trabalho da palha, usam-se *forquilhas* e *ancinhos*, que vão mudando de feitio e de nome, uns de madeira outros de ferro, uns e outros com número variável de dentes, etc.

IV

Depois vai o trigo ao moinho, à moenda, e a tramela ou taramela bate, bate, mas,

por demais é a citola no moinho,
quando o moleiro é surdo.

(1) Camilo Castelo Branco, *O Esqueleto*, 4.^a ed., p. 226.

(2) Pires de Lima, *loc. cit.*, *Rev. Lusit.*, XVIII, 188, nota 3.

(3) Igual facto se dá entre os negros, na colheita. Na Chibia, há cânticos, dansas, muitas bebidas, e matam um ou dois bois; é a *festa da sola* (p. 271); batuques e banquetes dos Muhumbes e Candimbas (p. 344); a *punra* dos Cuanhamas, em seguida às colheitas (p. 362), a *guelda* dos Gambos (p. 362), no Evale (p. 371), etc. João de Almeida, *Sul d'Angola*, Lisboa 1912.

(4) *Columella*, II, 19, 2; vid. a coluna Antonina.

Os moinhos nos altos giram a vela à roda, à roda. Põem-lhes búzios e púcaros de barro nos cabos das velas, para soarem bem, e alegrar o trabalho; também êste zoar anuncia ao longe que as mós trabalham. As azenhas, nas levadas, gemem com o pêso da água, e as rodas enormes, de madeira rija, giram sem cessar. Leva-se lá o trigo em sacos. Diz-se em Barroso:

Deus te salve, saco,	Outra por te moer,
Quatro maquinas te rapo;	Outra por te levar,
ũa p'ro burro comer,	Outra por te trazer ⁽¹⁾ .

E vai o moleiro fazendo do dito certo, e tira ao trigo a sua *maquia*, tributo em género, que lhe é devido do seu trabalho. É a *maquia* ou *poya*, que os forais estipulavam e o costume conserva.

Coitado de ti, coitado,	Quantos foram ao moinho,
Coitado por muitas vias;	Só tu pagaste as maquinas.

(Barroso) ⁽²⁾

No fim da tarefa chega a farinha ao celeiro. Mas:

não é ouro tudo que reluz,
nem farinha o que branqueia.

E nem tudo é descanso para o moleiro, porque às vezes, por «malas artes»,

por um cabelinho
se queima o moinho,

e «lá vai tudo quanto Marta fiou».

Com o bago do trigo faz-se um oráculo do ano. Tomam-se doze grãos, dando a cada um o nome de um mês; colocam-se um-a-um na pá do forno, um pouco quente; os que saltam fora, indicam os meses felizes.

(1) Barroso, em Vilar-de-Perdizes; Fernando Barreiros, «Trad. popul. de Barroso», *Rev. Lusitana*, XVIII, 286, 10.

(2) F. Barreiros, *loc. cit.*, *Rev. Lusitana*, XVIII, 253.

Vai o pão a amassar.

Quem traz a mão na massa,
Sempre se lhe pega dela.

(*Chron. do Condestável*, p. 83).

Ao deitar-se o sal na amassadura do pão, diz-se no Alentejo:

em louvor de S. Gonçalo,
que não saia «ensolso», nem salgado.

E por toda a parte, ao cobrir a massa na masseira com um pano, para levantar e levedar,

S. Mamede
te levede;

S. Vicente
te acrescente.

Ou então, o que vale o mesmo:

S. João
te faça pão,
e te dê a sua benção.

S. João te faça pão;
S. Vicente te acrescente;
À Virgem-Maria, Avè-Maria.

(Minho).

Vem o pão, o pão da mesa, alimento dos pobres, consôlo dos ricos, o mata-fome e a fartura. — Fraco é o padeiro, que diz mal do seu pão. — (Oleiros) (').

Não há pão como o pão branco,
nem carne como o carneiro,
nem vinho como o maduro,
nem amor como o primeiro.

(Beira-Alta, Douro).

É o *pão-de-trigo* ou «pão-trigo», a diferenciar-se, ao Norte, do *pão*, simplesmente o pão que é de centeio; a *borôa* loira do Minho-e-Douro, mistura com milho áspero; o *pão-de-milho* de Barroso e de Serras, que dá aos dentes alvíssimos das

(') Oleiros — (Ponte-de-Barca) — *Rev. Lusitana*, xvii-71.

raparigas reflexos metálicos. Mas sempre cuidado com o pão quente:

Pão quente,
muito na mão,
pouco no ventre.

Crê-se na Beira-Baixa que os guinchos ou zirros, quando voam, anunciam o preço do «pão-centeio»; se voam alto, ele será caro; será barato, se voam baixo ⁽¹⁾.

Vem o *pão-de-rala, rolão*, do Alentejo, — o trigueiro *pão saloio* dos arredores de Lisboa, — o *pão-caseiro*, completo, — o *bôlo* de milho, achatado com a pá do forno ⁽²⁾, para cozer mais depressa; estes *bôlos* comem-se quentes no Minho, com sardinha envolta em massa; a *bôla* da Beira-Alta tem dentro lombo de porco e toucinho, e comem-na em migas de azeite e vinho; no Alentejo o pão dá a culinária regional das *acordas*, que os curandeiros proíbem, quando há feridas graves ⁽³⁾. E é o «pão-centeio» rescendente, embora o provérbio: — Amigos que se desavêm por um pão de centeio, ou a fome é muito, ou o pão é pequeno. Mas: pão centeio melhor é no ventre que no seio.

O primeiro pão, que se coze num forno, livra da maleitadas, e por isso dá-se a quem o peça, havendo por vezes empenhos para se obter (Alentejo). Em Valdevez, benze-se a cozedura do forno novo, com o forno fechado, fazendo uma cruz com o braço, e dizendo: (no traço vertical) — «Deus te acrescente pelo mundo todo»; — (no traço horizontal) — «quem te comer, coma pão e bôlo», e com um novo traço vertical: — «E os vizinhos, que comem um corno» ⁽⁴⁾.

Fazem-se reverências ao pão. É santo. É o corpo de Cristo (evocação da Ceia dos Apóstolos). É pecado deitar o pão ao

⁽¹⁾ J. Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, Famalicão 1926, I, 163.

⁽²⁾ Para o pão não ficar massudo, bate-se-lhe com a pá (*acorda-se*); quando se abre o forno, batem-se as *bôlas* com uma vara, e diz-se a cada varada: — «Deus te acorde, e te abra os olhinhos». (Minho).

⁽³⁾ Recomendam então os curandeiros que se substitua o pão por muito arroz. (Alto-Alentejo).

⁽⁴⁾ Félix Alves Pereira, *loc. cit.*, *Lusa*, I, 153.

chão ou pisá-lo. Beija-se, quando isso involuntariamente acontece. Deixar pão partido na mesa, é dá-lo ou deixá-lo às bruxas. Diz-se às crianças que, não comer o pão todo, faz chorar a Virgem Nossa-Senhora. Não pôr o pão na mesa (chama-se à mesa sem pão *mesa galega*, no Norte) ou pondo-o para cima, é mau sinal, o que se deve evitar.

O *pão-bento*, como o de Santo Estêvão, de Aboim e Prezêlo, em Valdevez ⁽¹⁾, o da Santa Cabeça (Chaves), o de Santa Quitéria-de-Meca, em Alemquer, livra das mordeduras de cães raivosos ⁽²⁾.

V

— *Quadras populares*, alusivas e elucidativas das diferentes fases da cultura do pão para a bôca, ou, simplesmente, que têm alusão ao trigo, milho ou centeio.

1—Semear e não colher,
É que atrasa o lavrador;
Também ando atrasada
No serviço do Senhor.

2—Terras altas são p'r'ó trigo,
E as baixas p'r'ó tremês;
Repara, toma sentido,
Não tornes cá outra vez.

(Vila-Real) ⁽³⁾.

(Santa-Vitória-do-Ameixial
e Estremoz) ⁽⁴⁾.

3—Não quero que vás à monda,
Não quero que vás mondar;
Na monda é que eu ganhei
Um casaco de abafar.

(Benavente).

⁽¹⁾ Félix Alves Pereira, *loc. cit.*, *Lusa*, I, 17, § 15.

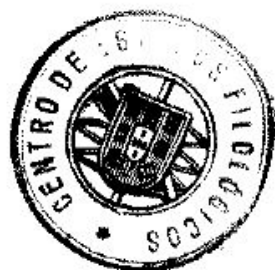
⁽²⁾ Cardeal da Motta, *Chronica da Serra d'Osso*, livro II, cap. 3.º, p. 243.

⁽³⁾ Vila-Real: António Gomes Pereira, «Trad. popul. e ling. de Vila Real», na *Rev. Lusitana*, IX, 240 e ss. X, 122 e ss, 191 e ss. etc.

⁽⁴⁾ Santa Vitória-do-Ameixial (conc. de Estremoz): «Folklore de Santa Vitória do Ameixial», in *Rev. Lusitana*, XIX (1916), p. 297 e ss.

- 4—Em casaco de abafar,
Uma saia de baeta,
Não quero que vás à monda,
Na monda não se ganha cheta.

(Benavente).



- 5—Não quero que vás à monda,
Nem à Ribeira lavar;
Não quero que vás à monda,
Que vás à monda, vás mondar

(Cova-da-Beira) ⁽¹⁾.

- 6—Ó mana, vamos à monda,
Vamos à monda, mondar;
Na monda é que eu ganhei
Dinheiro p'ra me casar.

(Golegã).

- 7—Não quero que vás a «acêfa»,
Não quero que vás ceifar;
Não quero que vás à monda,
Não quero que vás mondar.

(Golegã).

- 8—Não é a «acêfa» que custa,
Nem são os calores do V'rão;
É o pico da herva-gata,
Juntamente c'o beij[a]-mão.

(Santa Vitória-do-Ameixial).

- 9—O cardo é que pica,
Que me picou numa mão;
Também a maldade pica
Os homens no coração.

(Sousel).

⁽¹⁾ Lopes Dias, *Etnogr. da Beira*, II, 145.

- 10—Não me mandem à segada,
Que eu não sei correr o eito;
Mandem-me falar d'amores,
Que para isso tenho geito.

(Norte).

- 11—O Sol de Agosto queimava
Lá no « rocio » do ar;
E o ceifeiro descansava,
Bem cansado de ceifar.

(Vila-Real).

- 12—Eu venho da Terra-Quente,
Da segada do centeio;
Da fama ninguém me livra,
Hei-de te amar a rego-cheio.

(Vila-Real).

- 13—Menina, se eu me cortar,
É com minha fouchinha d'aço;
É com minha pressa,
É com meu desembaraço.

(Barcelos) ⁽¹⁾.

- 14—'Stá calma que abrasa o mundo,
À sombra me estou queimando;
Que fará o meu amor,
Que anda na leira limpando!

(Santa Vitória-do-Ameixial).

- 15—Chamaste-me moreninha,
Mas é com o pó da eira;
Hás de ver-me no Domingo
Como a rosa na roseira.

(Vária).

⁽¹⁾ António Gomes Pereira, *Trad. populares... de Barcelos*, p. 72.

- 16—O meu amor, coitadinho, Vem afeito a trigo,
É meio « acididão »; Não quer comer o pão.

(Barcelos) ⁽¹⁾.

- 17—Eu queria cantar alto,
A garganta não me ajuda;
Falta-me aqui o pão branco,
E mais o sumo da uva.

(Barcelos) ⁽¹⁾.

- 18—Tenho fome, não é de pão;
Tenho sede, não é de vinho;
Tenho fome de um abraço;
Tenho sede de um beijinho.

(Barcelos) ⁽¹⁾.

- 19—Levanta-te, filha, Abre lá a porta,
Vai ver o ceguinho; Dá-lhe pão e vinho.

(Beira) ⁽²⁾.

- 20—Oh! que belo milho, milho!
Oh! que bela milharada!
Oh! que bela vista de olhos
Para quem vai de jornada.

(Santa Vitória-do-Ameixial
e Golegã) ⁽³⁾.

- 21—Já o milho miúdo Conserva a ágoa no bico,
Tem a sua velhacaria; Para beber todo o dia.

(Minho).

⁽¹⁾ António Gomes Pereira, *Trad. populares... de Barcelos*, respectivamente p. 113; 44; 58-59.

⁽²⁾ «O Cego»: H. Fernandes Tomás, *Velhas Canções...* p. 48.

⁽³⁾ Luís Chaves, *loc. cit.* na *Rev. Lusitana*, XIX, 297; «Etnografia Alentejana», in rev. *Terra Nossa*, 1916, n.º 2, p. 27; «Festas Agrícolas», na *Lusa*, 1924, IV, 129.

22—Oh! quem fôra rato, rato,
Quem «ratara» pelo chão!
Rataria as massarocas
As meninas do serão.

(Atalaia) ⁽¹⁾.

23—Quem me dera que viesse,
O tempo que há de vir,
O tempo das *esfolhadas*, ⁽²⁾
Para me eu «adevertir».

(Vulgar).

Cantigas ao desafio, muito gritadas para que todos em volta, no trabalho, possam ouvir e associar-se, saem de enfiada, num desafio livre para todo contendor.

— Cantigas ao desafio
Para mim são escusadas;
As minhas vão de-repente,
As tuas vêm retardadas.

— Raparigas, cantai todas,
Ajude-me sequer uma;
O cantar é ser alegre,
Não é desonra nenhuma.

(Braga).

(Santa Vitória-do-Ameixial).

— Sei um saco de cantigas
E mais inda um guardanapo;
Cale-se lá, minha m'nina,
Senão eu desato o saco.

(Leiria).

⁽¹⁾ Monteiro do Amaral, «Trad. e linguag. pop. da Atalaia», in *Rev. Lusitana*, XI, 9-6 e ss.

⁽²⁾ A festa grande do milho é a *esfolhada* ou *desfolhada-descamisada*, ao serão, dentro de casa, ou a-preceito ao luar na eira. A «maçaroca» do minho desfolha-se entre a alegria geral. Fazem-se uns ganchos de descamisar, os «escamisadores» ou *sovinos* (de osso ou madeira), para melhor arrancar o folhelho. O milho vermelho é o *milho-rei*; a quem o encontre, dá o direito de abraçar todos. Lembre-se a descamisada em casa do Zé das Dornas, das *Pupilas do Sr. Reitor*, de Júlio Denis.

— Tu, cantador, não sabias
Que eu vinha a esta função;
Abre as asas, estende as guias,
À chegada do Gavião.

(Santa Vitória-do-Ameixial).

Canta-se e dança-se nas *adiafas* das ceifas, no acabamento.
Depois enche o lavrador o carro no bom negócio da tulha
farta.

Muito bem parece o carro, Muito bem vai a moça
À porta do lavrador; Nos braços do seu amor.

—————
(Ribatejo).

3.ª PARTE

Azeite Santo

— O ramo da oliveira é bento,
êle dá o azeite p'r'ó Santíssimo Sacramento.

Chaves, Vila Real (*Rev. Lusit.*, x, 199).

I

A oliveira pertence ao número daquelas plantas, cujas sementes ou estacas «pegam» melhor, e florescem bem, frutificam esperançosamente, quando roubadas ⁽¹⁾.

A «folhinha» da azeitona é curta.

Janeiro. — Quem azeite colhe antes de Janeiro, azeite deixa no madeiro.

Junho. — Chuva de S. João tira azeite e não dá pão.

— Em dia de S. Pedro, vê teu olivedo; e, se vires um grão, espera por cento.

Agosto. — De Agosto é a culpa, mas Setembro leva a fruta.

(1) Já em nota do cap. III da 2.ª Parte, houve referência ao «roubo medicinal». Telhas roubadas curam sezões (Leite de Vasconcellos, *Excursão Extremenha*, p. 4); roubadas dos